



ARTIGOS / ARTICLES

A EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE: A FILOSOFIA E O DISCURSO FILOSÓFICO COMO EXERCÍCIO PARA A PSICAGOGIA

Education in Antiquity:

Philosophy and Philosophical Discourse as an Exercise for Psychagogy

Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira¹

RESUMO: O artigo apresenta a concepção de filosofia como maneira(s) de viver, desenvolvida por Pierre Hadot, ao investigar a filosofia antiga e suas escolas filosóficas. Ao analisar a Antiguidade, o historiador e filósofo entende que os discursos filosóficos correm o risco de serem ambíguos se não fizerem parte de uma vida filosófica ou de um modo de vida que se pode caracterizar como filosófico. Apesar da diversidade do pensamento filosófico na Antiguidade, o discurso filosófico participa efetivamente do modo de vida, e a escolha de vida do filósofo determina seu discurso. A filosofia, nessa perspectiva, não está dissociada das escolhas de um modo de vida, da experiência pessoal que propõe uma ideia de formação, de uma educação psicagógica e de um exercício para o caminho da sabedoria.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos filosóficos; Educação psicagógica; Filosofia; Pierre Hadot; Sabedoria.

ABSTRACT: The article presents the concept of philosophy as a way of living, developed by Pierre Hadot, when investigating ancient philosophy and its philosophical schools. In analysing Antiquity, the historian and philosopher understands that philosophical discourses run the risk of being ambiguous if they are not part of a philosophical life or a way of life that can be characterized as philosophical. Despite the diversity of philosophical thought back in antiquity, philosophical discourse effectively participates in the way of life, and the philosopher's choice of life determines his discourse. Philosophy, in this perspective, is not dissociated from the choices of a way of life, from the personal experience that proposes an idea of formation, from a psychagogic education and from an exercise towards the path of wisdom.

KEYWORDS: Philosophical discourses; Psychagogical education; Philosophy; Pierre Hadot; Wisdom.

¹ Doutor em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), professor de filosofia da educação na Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas. E-mail: sfazanaro@gmail.com

Ao longo da história do pensamento, a filosofia recebeu diferentes interpretações – da Antiguidade Clássica nas escolas de Platão, de Aristóteles e da filosofia helenística à dobra epistemológica do período moderno presente na filosofia de Descartes, Espinosa, Hume, entre outros pensadores; da filosofia do século XVIII com Kant e Hegel e da filosofia contemporânea com Karl Marx e Nietzsche aos temas emergentes do século XX, pensados por inúmeras perspectivas, como a da escola de Frankfurt, de Heidegger, Hannah Arendt, Ricoeur, Merleau-Ponty, Deleuze, Foucault, entre outros autores.

O que parece ser consenso no que se refere ao conceito de filosofia é o sentido etimológico, aquele que define a filosofia como busca do conhecimento ou, em outros termos, como a própria sabedoria². Se a filosofia provoca algum sentido para o interlocutor que se utiliza dela, qual é esse sentido? Talvez seja o sentido do conhecimento. Se, por um lado, a filosofia se fundamenta em razões, argumentos, princípios, a partir de método rigoroso que sustenta o saber, a vida humana, por outro, demonstra-se paradoxal³, simbólica⁴ e complexa⁵. Se é o homem o sujeito que define a filosofia, então, nesta conjunção entre a verdade e o conhecimento de um lado e o sujeito complexo que desmorona o conhecimento e a verdade de outro, o sentido da filosofia só pode ser, igualmente, complexo.

A pluralidade conceitual que a filosofia apresenta em sua definição impossibilita uma única compreensão de sentido e significado. Diante da diversidade do pensamento e das inúmeras concepções conceituais que podem ser realizadas a fim de se conceber a filosofia, o filósofo e historiador francês Pierre Hadot⁶ (1922-2010) apresenta uma leitura da filosofia antiga que entende a filosofia como maneira de viver.

² Morente (1980) entende que a busca de significado e sentido do termo “filosofia” ultrapassa a simples ideia de “amor à sabedoria”. Para ele, “[...] nos primeiros tempos da autêntica cultura grega, filosofia significa, não o simples afã ou simples amor à sabedoria, mas a própria sabedoria” (MORENTE, 1980, p. 26).

³ Cf. KOHAN, Walter Omar. *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁴ Cf. CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

⁵ Cf. MORIN, Edgard. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

⁶ Além de pesquisador da filosofia na Antiguidade e de seu amplo interesse pela espiritualidade e pelo misticismo, Pierre Hadot traduziu diversos textos clássicos, como os de Mario Vitorino, Ambrósio de Milão, Marco Aurélio, fragmentos do comentário de Parmênides e alguns tratados de Plotino, atendo-se sempre “[...] ao estudo atento do movimento do pensamento do autor e à pesquisa de suas intenções” (HADOT, 2016, p. 170). Durante suas pesquisas concentradas na mística neoplatônica e nas relações entre o helenismo e o cristianismo, Hadot encontra outras leituras que o levam a publicar alguns estudos sobre Wittgenstein. Hadot afirma: “[...] eu era muito atraído pela mística, isto é, pelo que eu pensava ser a experiência de Deus, como a podemos ver descrita nas obras de São João da Cruz, por exemplo, mas também ao acaso das minhas leituras pela mística hindu e finalmente pela mística neoplatônica, a de Plotino e dos neoplatônicos tardios, Proclo e Damascio”, então buscou “[...] compreender a relação que podia se estabelecer entre lógica e mística”, encantando-se pelo estado de sabedoria silenciosa presente nos

Em suas pesquisas, Hadot⁷ investiga, na história da Antiguidade, uma filosofia que não está centralizada nas diferentes doutrinas filosóficas, mas sim nos modos de uma filosofia que se apresenta como vida e como busca de sabedoria. Hadot⁸ descreve que a filosofia presente na Antiguidade consiste, de maneira propedêutica, em uma maneira de viver sem compromisso com um discurso teórico, mas com uma prática filosófica ou, em outros termos, consiste em uma educação para uma vida filosófica. Nas palavras do autor, a filosofia é “[...] um convite para cada homem transformar a si mesmo. A filosofia é conversão, transformação da maneira de ser e da maneira de viver, busca da sabedoria”⁹.

Para além de um aspecto puramente discursivo, a filosofia deve expressar, por meio do comportamento e da atitude do filósofo em relação a si, aos outros e ao mundo, sentido aos modos de viver. Este movimento intrinsecamente associado a um processo de mudança, de transformação de si, entendido por Hadot¹⁰ na história da Antiguidade, pode ser também compreendido como constitutivo de um processo educacional quando se entende que a filosofia é, também, formação do ser humano em sua integralidade.

Assim, propõe-se neste artigo apresentar, na perspectiva hadotiana, a filosofia e a ambiguidade do discurso filosófico presente na Antiguidade. Incomensuráveis e inseparáveis, a filosofia e os discursos filosóficos na Antiguidade assumem uma “[...]”

aforismos do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, “[...] que terminava de maneira extremamente enigmática pelo famoso apelo ao silêncio” (HADOT, 2014b, p. 7-8). Destacam-se em sua produção estudos sobre Plotino, como *Plotino ou a Simplicidade do Olhar*; extensas introduções e comentários no *Traité 38 (VI, 7)* e no *Traité 50 (III, 5)*, nos *Tratados das Enéadas*, de Plotino; estudos sobre Porfírio e Mario Vitorino, em *Porphyre et Victorinus*, nos quais investiga o lado prático e ético da filosofia e desenvolve o seu conceito-chave de filosofia como um modo de vida; e estudos sobre Marco Aurélio, denominando a pesquisa como uma introdução à leitura do pensamento do autor estoico em seu texto *La citadelle intérieure. Introduction aux Pensées de Marc Aurèle* (Chase, 2010). Ao longo de sua vida, Hadot intensifica seus estudos a partir das práticas filosóficas destinadas a transformar a maneira de perceber o mundo e, conseqüentemente, o seu modo de ser. A partir dessa perspectiva e das pesquisas realizadas, Hadot cria um conjunto de ensaios reunindo seus estudos no texto *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* e, em forma de narrativa mas de maneira mais completa, no texto *O que é a filosofia antiga?*. Posteriormente, apresenta também análises a partir dessa perspectiva no texto *A filosofia como maneira de viver*, em forma de entrevistas cedidas a Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson. Além dessas temáticas e de referenciais filosóficos, Hadot se dedica a escrever um ensaio sobre a história da ideia de natureza, intitulado *O véu de Ísis*, expressando como entende os “[...] diferentes sentidos que a noção de segredo da natureza poderia assumir na Antiguidade e nos tempos modernos” (HADOT, 2006, p. 15). Encantado pela filosofia da natureza, Hadot (2006) encontra em seu autor favorito, Goethe, (HADOT, 2019a) um modelo de abordagem científica e estética para, em seus últimos anos, escrever sobre a intensidade necessária para viver o instante, concepção presente no texto *Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*.

⁷ Cf. HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* 6ª ed. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

⁸ HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontenelle Loque Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014a.

⁹ Ibid. p. 274

¹⁰ Cf. HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* 6ª ed. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

função formadora, educadora, psicagógica, terapêutica”¹¹, pois se fazem presente em uma escolha de vida, em uma opção existencial, e não o contrário.

1. Filosofia e discurso filosófico

A filosofia propriamente dita se diferencia, para Hadot, conforme será demonstrado, do discurso filosófico. No capítulo *A filosofia antes da filosofia*¹², Hadot analisou desde concepções cosmogônicas até a passagem para a racionalidade, pressuposto presente em sua noção de filosofia¹³. A partir dos primórdios do pensamento humano, o movimento filosófico do século V ao IV a.C. transitou em uma conflitiva maneira de se compreender a vida, mesmo que uma escola ou um movimento¹⁴ tenha assumido um modo de vida que era, ao mesmo tempo, a busca de realização de um ideal de sabedoria.

Esse entendimento fundamental em Hadot torna-se presente em sua obra, na medida em que o autor compreende que a filosofia como uma prática do pensamento e da ação, como o movimento do viver, é característica à filosofia da Antiguidade. Muito embora as escolas filosóficas daquele período fossem diferentes, cada qual com as suas especificidades, deve-se reconhecer, como indica Hadot, que há:

[...] ao longo de nosso estudo, de um lado, a existência de uma vida filosófica, mais precisamente de um modo de vida que se pode caracterizar como filosófico e se opõe radicalmente ao modo de vida dos não filósofos, e, de outro, a existência de um discurso filosófico que justifica, motiva e influencia essa escolha de vida¹⁵

Por essa razão, o autor descreve que, ao passar pela condição da existência humana, a vida filosófica se trata, “[...] antes de tudo, de tornar-se melhor”¹⁶. Parece que, mesmo existindo o discurso, ele só se torna filosófico quando transformado em modo de vida¹⁷. Para Hadot, a vida filosófica e o discurso filosófico são incomensuráveis porque atingem

¹¹ Ibid. p. 254

¹² Refere-se ao primeiro capítulo da obra de Hadot (2014b) *O que é a filosofia antiga?*.

¹³ Filósofo e historiador da filosofia, o francês Pierre Hadot (1922-2010) foi professor honorário no *Collège de France*, onde ocupou a cátedra História do Pensamento Helenístico e Romano. Suas pesquisas se concentram inicialmente nas relações entre o helenismo e o cristianismo, depois na mística neoplatônica e na filosofia helenística. Desdobram-se, posteriormente, outras investigações que, de certa maneira, não perdem a compreensão primeira que o autor defende.

¹⁴ Por escolas e movimentos pode-se compreender a platônica, a aristotélica, a estoica, a epicurista, entre outras, isto é, uma perspectiva filosófica localizada no tempo e no espaço que marcou um ou mais filósofos.

¹⁵ Cf. HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* 6ª ed. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014b, p. 249

¹⁶ Ibid. p. 250

¹⁷ Hadot (2014b) entende que a atividade filosófica culmina na vida segundo o espírito, como presente na tradição platônica e aristotélica, e pode ser percebida nos cínicos pela gestualística, a qual reduz o discurso filosófico, ou ainda nos modelos políticos vivenciados pelos estoicos (Hadot, 2014b, p. 250).

uma ordem heterogênea. Nesse sentido, o autor afirma: “[...] O que faz o essencial da vida filosófica, a escolha existencial de um modo de vida, a experiência de certos estados, de certas disposições interiores, escapa totalmente à expressão do discurso filosófico”¹⁸, ou seja, algumas experiências não se limitam somente ao discurso e às suas proposições¹⁹.

Outro aspecto apontado pelo autor é uma compreensão da filosofia que, além de incomensurável, é inseparável do discurso filosófico. Hadot trata do filósofo e dos riscos que seu discurso pode correr caso não encontre relação com seu viver, como no caso de dissertar sobre a arte de viver em vez de viver, segundo a expressão de Sêneca, transformando o amor pela sabedoria (*philosophia*) em amor pela palavra (*philologia*). Eis um “[...] perigo inerente à vida filosófica”²⁰, pois, para o autor, “[...] não há discurso que mereça ser denominado filosófico se está separado da vida filosófica; não há vida filosófica se não está estreitamente vinculada ao discurso filosófico”²¹. Assim, Hadot aponta para o problema da ambiguidade do discurso filosófico, que pode ser visto desde os sofistas:

[...] inventaram uma educação em ambiente artificial, o que se tornará uma característica de nossa civilização. [...] Por um salário, eles ensinavam a seus alunos receitas que lhes permitissem persuadir os ouvintes, defender, com a mesma habilidade, o pró e o contra (antilogia)²²

Além de possibilitar a função educadora de si e sobretudo transformadora do eu, presente no discurso filosófico, o filósofo está em constante interferência sobre o si mesmo e sobre os outros, pois, enquanto expressão de uma opção existencial que o sustenta, o discurso “[...] é sempre destinado a produzir um efeito, a criar na alma um *habitus*, a provocar a transformação do eu. [...] um exercício espiritual como prática destinada a operar uma mudança radical do ser”²³.

Compreende-se, então, que a vertente utilizada por Hadot possibilita inferir um sentido à filosofia, definindo-a fundamentalmente como escolha radical de uma certa forma de vida. Nessa concepção de filosofia, um discurso e um viver, embora incomparáveis, são inseparáveis. Diante disso, a filosofia passa a não ser o mesmo que “[...] discursos teóricos

¹⁸ Ibid. p. 251

¹⁹ Hadot (2014b, p. 251) faz considerações sobre experiências platônicas (do amor), aristotélicas (das substâncias simples) e sobre Plotino e sua experiência unitiva, totalmente indivisível em sua especificidade, ocupando-se com a distinção entre a filosofia e uma possível ordem do discurso.

²⁰ Ibid. p. 251

²¹ Loc. cit.

²² op. Cit. p. 33

²³ Ibid. p. 254

e sistemas de filósofos”²⁴, uma vez que, em suas representações, os discursos podem não refletir a essência filosófica entre o pensar e o viver.

A escolha de um modo de vida está no início da “conversão” filosófica, termo que o autor utilizará ao referir-se sobre técnicas destinadas a transformar a realidade humana, e isso não pode ser deduzido a partir de um discurso que anteriormente tenha compreendido a verdade de algo – neste caso, a verdade sobre o melhor modo de vida a ser adotado. Hadot fala, a propósito disso, de uma causalidade recíproca entre a escolha de um modo de vida e a reflexão teórica. O autor retoma da filosofia antiga o exemplo dos estoicos, que se estabeleciam entre o discurso sobre a filosofia e a própria filosofia:

[...] Segundo os estoicos, as partes da filosofia, isto é, a física, a ética e a lógica eram, de fato, não partes da própria filosofia, mas partes do discurso filosófico. Eles queriam dizer com isso que, quando se trata de ensinar filosofia, é preciso propor uma teoria da lógica, uma teoria da física, uma teoria da ética. As exigências do discurso, ao mesmo tempo lógicas e pedagógicas, obrigam a fazer essas distinções. Mas a própria filosofia, isto é, o modo de vida filosófico, não é mais uma teoria dividida em partes, mas um ato único que consiste em *viver* a lógica, a física e a ética. [...] O discurso sobre a filosofia não é a filosofia²⁵

É preciso notar a importância da conjunção adversativa “mas” na citação de Hadot, na medida em que ela propicia a ênfase no que interessa ou, em outros termos, no que ele defende como “ato único que consiste em *viver*”. Tendo explicado a importância e o sentido do discurso filosófico para os estoicos, Hadot afirma, com contundência, a importância da filosofia propriamente dita como um único ato que consiste em viver a lógica, a ética e a física. Há aqui uma crítica à teorização da filosofia ou ao discurso filosófico que se desconecta da vida. A escolha de vida – ou escolha existencial – nunca é uma reflexão abstrata. A representação ideal de um certo modo de vida nunca pode ser independente de uma certa ideia sobre o modo de vida desejado, ou de uma certa atitude pré-reflexiva, que inspira, a princípio, a reflexão.

Hadot desvela a presença do espírito nos discursos filosóficos, mesmo considerando que exista, de fato, um abismo entre a teoria filosófica e a filosofia propriamente dita, pois os discursos são:

[...] uma *parte integrante desta vida*. [...] o discurso justifica a escolha de vida e desenvolve todas suas implicações [...] a *escolha de vida determina o discurso, e o discurso determina a escolha de vida*. [...] [na relação entre escolha de vida e discurso é] necessário exercer uma ação sobre si mesmo e sobre os outros. [...] o discurso filosófico é uma das formas de exercício do modo de vida filosófico [...]²⁶

²⁴ Ibid. p. 265

²⁵ Ibid. p. 264

²⁶ Ibid. p. 252-253

Ao considerar que os discursos filosóficos são “[...] parte integrante desta vida”, Hadot revela sua função transformadora devido à indissociabilidade entre discurso e filosofia. Numa filosofia que estabelece um discurso deslocado do viver, não há, na perspectiva de Hadot, um sentido filosófico. A filosofia como modo de viver poderá produzir efeito, transformar o eu, como um exercício espiritual que opera “[...] uma mudança radical do ser”²⁷, pois se faz presente, há sentido.

Assim, entende-se que, na experiência filosófica entre mestre e discípulo, há um saber que parece fazer sentido quando traduzido em ações ou quando se tem coerência entre discurso e maneira de viver. Em uma relação dialógica, contemplada pelo discurso filosófico, além da possibilidade de compreender os limites do ser humano, é também possível explorar aspectos outros que ultrapassam o existir humano, como é o caso dos corpos celestes que também circunscrevem o modo de viver. Nesse sentido, explica Hadot:

Naturalmente, o discurso filosófico também propõe informações sobre o ser ou a matéria ou os fenômenos celestes ou os elementos, mas visa ao mesmo tempo a formar o espírito, a ensiná-lo a reconhecer os problemas, os métodos de raciocínio, e permitir que a pessoa se oriente no pensamento e na vida²⁸

É possível notar a função do discurso filosófico como condição de formação do espírito, no sentido de preparar cada um para as adversidades. É nesse sentido que Hadot compreende a indissociação entre o pensar e o viver, pois o fenômeno forma o espírito, ensina a reconhecer problemas, métodos de raciocínio e orienta para o viver. Diante dessa perspectiva, Hadot entende que há uma função formadora, educadora, psicagógica e terapêutica na filosofia da Antiguidade. Para além de uma racionalidade que possa conceber mundos, parece necessário vivê-los na intensidade do existir, em busca de uma atitude de formação, como a de um *pepaideúmenos*.

Conclusão

Ao investigar a filosofia da Antiguidade, Pierre Hadot mostra a diferença entre a representação que os antigos faziam da filosofia e a representação que se faz

²⁷ Ibid. p. 264

²⁸ HADOT, P. *A filosofia como maneira de viver*: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016, p.119

habitualmente, quando se entende uma filosofia atrelada a sistemas abstratos, teorias e até mesmo doutrinas perpetuadas ao longo da história.

Ideias, conceitos, verdades, princípios, imagens, signos e experiências pressupõem compreender a vida e suas questões em determinados modos de conceber-se, compreender-se e realizar-se na humanidade histórica. Para isso, a atividade teórica ou os discursos filosóficos não estão dissociados do viver, das escolhas de um modo de vida, da experiência pessoal que propõe uma ideia de formação, de um exercício para o caminho da sabedoria com ênfase na transformação integral.

Assim, o artigo demonstrou que a concepção hadotiana de filosofia encontra sentido e legitimação quando, de uma forma natural, não desloca o modo que se vive do pensar presente nos discursos filosóficos. Para Hadot, a filosofia não deve ser dissociada dos discursos filosóficos. Nesse sentido, como já afirmado pelo autor não há discurso que mereça ser denominado filosófico se está separado da vida filosófica, e também, não há vida filosófica se não está estreitamente vinculada ao discurso filosófico. Essa concepção fundamenta o princípio de um ato consciente do viver, que requer, na perspectiva dialógica entre vida e pensamento, uma relação de intimidade e de reconhecimento de si diante dos limites do viver. Sendo assim, foi considerado fundamental apresentar a concepção de filosofia de Hadot e como ela pode estabelecer conexões, sentidos ou distanciamentos nos discursos considerados como filosóficos.

O encontro entre a filosofia e os discursos filosóficos se manifesta quando ocorre um pensar que desencarna, despersonaliza, mas que, ao mesmo tempo, provoca a consciência da existência e de suas possibilidades. A atividade filosófica, na dimensão de exercícios espirituais – com diversas formas de encontro e vias –, pode ajudar a pensar uma concepção educacional da transformação de si em um movimento metodológico, como utilizado por Hadot em sua noção de conversão.

Referências

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHASE, Michael. Pierre Hadot - parte I. In: *Harvard University Press*. 2010. Disponível em: https://harvardpress.typepad.com/hup_publicity/2010/04/pierrehadot-part-1.html Acesso em: 13/07/2019.

HADOT, Pierre. *Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*. Trad. Lara Chistina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. *A filosofia como maneira de viver: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson*. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontenelle Loque Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. *O que é a filosofia antiga?* 6. ed. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. *O véu de Ísis: Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. Trad. Mariana Sérvulo. São Paulo: Loyola, 2006.

KOHAN, Walter Omar. *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MORIN, Edgard. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.